

Reinventar-se... sempre!

Com: Maria Adelaide Amaral - dia 26/agosto/2019

Mediador: José Santana Filho

Abertura: Maria Celia de Abreu abre o evento agradecendo a presença dos participantes, apresentando o projeto Reinventar-se... sempre! e o Ideac, e passa a palavra para o mediador José Santana Filho.

Santana: Estou com muita alegria e com grande prazer participando aqui deste evento hoje, em primeiro lugar porque é do Ideac, que tem esse trabalho tão sério, tão comprometido e tão afetivo com relação à velhice, conseqüentemente com relação ao ser humano, com relação a nossas sutilezas, nossa delicadezas, que aliás estão muito em falta no momento em que a gente está vivendo. Duplamente satisfeito porque estou aqui do lado de Maria Adelaide Amaral, que eu não preciso apresentar a vocês, porque é essa pessoa que nós todos admiramos e estamos acostumados a aplaudir, a assistir, a prestigiar, tanto no teatro, quanto na televisão, quanto na literatura e, independente disso, uma pessoa a quem eu quero um bem enorme. Queria agradecer a presença de vocês, numa segunda-feira num final de tarde, não é sempre que a gente consegue. Então muito obrigado por privilegiar esse programa para hoje.

Bom, vou começar a conversa com Adelaide lembrando desse livro lançado há não muito tempo pela Maria Celia, que se chama *Velhice: uma nova paisagem*, que é um título que eu acho fantástico porque me parece integrar a velhice ao fio condutor da vida que vai desde o momento em que você é concebido até o momento em que você morre. Eu particularmente tenho uma dificuldade em acompanhar conversas, histórias, onde as pessoas falam: “Criança é não sei o que, adolescente é não sei como, isso é coisa de jovem, adulto é... velho é... isso é coisa de velho”, como se fossem entidades independentes. Eu sempre penso: “Essa pessoa que está falando, ela está falando de que planeta?” Como se ela não tivesse sido criança, adolescente, e se ela teve oportunidade, adulta e velha, etc. Então a gente se exclui para falar de criança, como se a gente não tivesse nada a ver com isso. Para o bem e para o mal. Não necessariamente. Então com este título, “*uma nova paisagem*”, eu imagino um trajeto, uma estrada, onde a gente vai apreciando e fazendo parte dessas paisagens.

Então eu gostaria de começar perguntando para a Adelaide em que paisagem você se insere, se percebe inserida, neste momento da sua vida, considerando este repertório.

Maria Adelaide: Vivo tão em função do meu trabalho, do que eu preciso ler e escrever, que não sobra muito tempo para pensar em envelhecer. Há duas coisas fundamentais na minha vida: minha família, significando meus dois filhos e seis netos, e o meu trabalho. É o trabalho que me justifica e imprime a qualidade à minha vida. Eu não sou nada sem ele. Estou sempre envolvida em algum trabalho. Agora eu estou escrevendo uma série sobre Carlos Gomes. É certamente o trabalho que mais exigiu de mim. A ponto de em alguns momentos eu dizer: “Não sou capaz. Vou entregar os pontos, já dei o que tinha que dar, agora só livro de memórias mesmo”. (*Risos*). Mas segui em frente. Também foi o primeiro trabalho em que eu tive crise de pânico. Sou muito ansiosa. Minha nora recomendou Ansiodoron da Weleda, mas não resolveu. Meu pneumo me disse que precisava de uma coisa mais forte e receitou Ansitec. Voltei a escrever com prazer. Estou muito orgulhosa dessa obra, que realizo aos setenta e sete anos de idade. Nasci a primeiro de julho de 1942.

Aliás, queria uma salva de palmas para a Fernanda Young, que nos deixou (*aplausos*). Era uma pessoa da minha estima, do meu afeto, e uma pessoa da mesma linhagem à qual eu pertencço. Como ela, falo palavrão e sou muito irreverente, desde criança. Me lavavam a língua com sabão, me batiam, meu pai, minha mãe, meus três irmãos, a empregada e minha avó. A família inteira me espancou bastante, mas não adiantou nada. Se você nasce rebelde, não tem quem te endireite ou enquadre. Nasci *gauche*, inconveniente, insolente, valente, mas também fui covarde em alguns momentos.

Comecei a trabalhar muito cedo. Sou imigrante, nasci em Portugal, filha de pais de classe média, falidos e envergonhados. Quando chegamos ao Brasil fomos morar na Mooca, um bairro operário italiano, um bairro simples, então minha família não precisava mais viver de aparência como em Portugal, onde tudo “parecia mal”. Não se podia fazer isso, não podia dizer aquilo, era uma merda. Comecei a trabalhar aos doze anos. Meu pai, tão lido, não escapou ao machismo de seu tempo. Ele achava que eu tinha que trabalhar e não estudar, porque era mulher.

Eu estou contando a vocês uma história de meados dos anos cinquenta. A vida mudou desde então. Da mulher principalmente, a partir de meados dos anos sessenta. Boa parte de vocês pertence à minha geração. Nós que fomos jovens nos anos sessenta, tivemos um privilégio extraordinário. Quem viveu direito os anos sessenta – e por direito entenda-se ousar e transgredir – é da geração *forever young*. Nossa cabeça é sem idade. Nós envelhecemos, mas temos uma grande jovialidade estamos sempre prontos para tudo.

Claro que o tempo castiga, claro que anualmente eu tenho que fazer *checkup*, tive um câncer de mama, em 1998. Tive um câncer de mama e quinze dias depois estava numa reunião na Rede Globo. E um mês depois casava meu filho mais velho. Muito bom esses eventos terem acontecido logo depois da cirurgia. Tinha mais do que me

ocupar, em vez de ficar me lamentando. “Ai, vou ficar com uma mama diferente da outra”... Tudo bem. Sempre tem alguém que gosta de arte moderna. *(Risos)*

Minha vida foi e ainda é de muito trabalho. Mas não estou reclamando, estou dando graças a Deus. Em alguns momentos trabalhei e estudei. Trabalhava na Editora Abril nos anos setenta e ao mesmo tempo fazia curso de jornalismo na Casper Líbero. Meus filhos eram pequenos, eu tinha que levar ao pediatra, fazer supermercado, vacinar os filhos contra difteria, sarampo e tudo que era necessário. E ao mesmo tempo lidando com as dificuldades da mulher que tem dupla jornada de trabalho. Mas não reclamo da minha vida, porque cada coisa que eu vivi foi cumulativa e me preparou para o próximo passo.

Há gente que diz: “A minha vida não tem o menor sentido”. Eu fico bem quieta. Porque a minha vida faz um enorme sentido quando eu olho para trás. Cada dificuldade – e eu tive muitas, e de muitas ordens, algumas muito sérias – me preparou e formou. Até o abandono de que fui vítima quando meus pais vieram para o Brasil. Eles estavam tão preocupados com o problema da sobrevivência, que não tinham tempo para mim. Isso me obrigou a ser independente, se eu quisesse mudar de colégio, tinha que cuidar da transferência, ir ao cartório, reconhecer firma, isso e aquilo. Mas isso me forjou, como diziam as freiras do Colégio Sagrada Família, onde estudei. Elas diziam: “Mesmo que você não precise acordar cedo aos domingos, levante-se, porque isso ajuda você a forjar sua vontade”. E eu me levantava. Esse tipo de exercício me disciplinou. E precisaria de toda a disciplina anos mais tarde no meu trabalho na Editora Abril, onde trabalhei vinte anos e na Rede Globo, onde trabalho há quase trinta. Quando você trabalha com prazo não há desculpas: “Ah, não estou com inspiração para escrever...” Não tem essa falta de inspiração, ou que a mãe está doente, ou o filho está com febre. Você tem que escrever e entregar o capítulo pronto, qualquer que seja a situação de sua vida ou da sua cabeça.

Todas as experiências anteriores a idade adulta me preparam para aquilo que me tornaria. Sou grata às pessoas, inclusive as que criaram dificuldades para mim, porque me ajudaram a ser quem eu sou. A criação dos vilões ficou mais fácil quando se conhece a vilania. Tudo acabou alimentando meu trabalho e sou grata por isso.

Tendo a fazer o jogo do contente porque passei muita necessidade na vida. Vivi uma fase no final dos anos 80 em que estava muito mal de grana, com o marido desempregado e atravessando um momento difícil. E disse para mim: “Não vou dizer não a nenhum trabalho. Vou aceitar tudo o que vier”. E aceitei coisas do tipo, fazer uma revista de imóveis de quinta, mas fiz. Não podia me dar ao luxo de dizer: “Já tenho três prêmios Molière, no teatro, já tenho um Jabuti de literatura, livros publicados, não vou aceitar trabalhar nesse lugar horrível”. O Molière repousa entre os livros da estante, mas é preciso pagar o plano de saúde, o condomínio e fazer supermercado. Então fiz o que tinha que ser feito. Isso me ensinou a ser humilde. Num momento você está num patamar glorioso e no ano seguinte está na merda.

Felizmente nunca fechei nenhuma porta e elas sempre se abriram para mim. Em 1986, pedi demissão da Abril, porque achava que era possível viver do teatro. Um ano depois, tive que voltar. “Tem trabalho para mim?” Tinha. Trabalhei mais três anos para eles, como *free lancer*. Era uma sorte ter trabalho na época do Sarney, plano cruzado, o país com uma inflação galopante, só os mais velhos sabem o que foi. Para completar, o Collor bloqueou tudo o que as pessoas tinham no banco. Foi por isso que eu aceitei o convite do Cassiano Gabus Mendes. “Vou escrever uma novela das oito e queria convidar você para escrever comigo”. Anos antes, talvez eu dissesse: “Não faço televisão”. Porque na década de 70 e 80 a televisão era considerada uma coisa menor. Mas precisava trabalhar. A novela era Meu Bem, meu Mal. Eu fui e gostei muito. E estou lá até agora.

Acho que perdi o fio da meada, mas é isso: tudo na minha vida fez sentido, e todas as dificuldades me ensinaram alguma coisa, inclusive a humildade. Abaixar a cabeça, engolir sapo. Todos nós engolimos sapos. Eu engulo ainda. É desagradável?

Santana: Me diga uma coisa, Adelaide: como é que você concilia essas duas coisas que tem-se falado muito ultimamente, esta gangorra entre segurança e liberdade. O *(palavra incompreensível)* fala sobre, quer dizer, a sua balança está sempre pendendo mais para um lado do que para outro, porque a segurança muitas vezes impõe perda de liberdade; a liberdade muitas vezes te tira de uma zona de segurança porque a liberdade pede ousadia, atrevimento, atitude, ação, etc. Você, como uma pessoa para quem o trabalho tem toda essa dimensão que você está colocando, existencial inclusive, como é que você tem administrado essas duas coisas, você sabe?

Maria Adelaide: Não sei. Quando você é mais jovem, não tem menos medo de se lançar às coisas novas. Mas ninguém, que veio de onde vim, pode dizer com tranquilidade que a segurança não é importante. Exatamente, o fato de trabalhar, ter um bom salário, um plano de saúde, poder sustentar meus filhos e ajuda-los a criar meus netos, é o que me dá segurança e liberdade. É dentro da segurança que tenho liberdade. Mas a liberdade também é uma questão interna. Ou você é livre ou você não é. Eu sou livre quando escrevo. Meu trabalho me ajuda a ser livre. Sou independente financeiramente, sou dona da minha vida... A única pessoa que manda em mim é o Silvio de Abreu – Silvio de Abreu é o marido de Maria Celia – ele manda em mim. *(Risos)*.

Depois de trinta anos de casada, me separei. Fiquei sozinha por opção. Mas ser sozinha não significa ficar isolada. Tenho muitos amigos, uma rede de afetos, de pessoas queridas. Amigos de muitos anos, que continuam fazendo parte de minha vida. Como faz parte de minha vida cuidar da saúde, porque esse corpo que habito é fundamental para meu trabalho e meu bem estar. Por isso que fico tão atenta a ele.

Você estava falando em meditação, Maria Celia... Em 1990 fiz um curso de meditação e pratico até hoje, pela manhã. Deveria meditar duas vezes por dia, porque é mais

eficiente. A meditação operou uma grande melhora na minha vida. E depois fui introduzindo exercícios físicos que faço até hoje, quase uma hora por dia. Tenho artrose, problemas de ligamento no ombro, então vários exercícios que faço que não são estéticos, mas para me ajudar a continuar escrevendo.

Santana: E você se adapta facilmente? Quer dizer, as coisas mudam, têm mudado, cada vez mais rápido, o mundo foi ficando uma coisa cada ano, você trabalha num ambiente com muitos jovens, com muita... Ah... você é do tipo de se adéqua, que se adapta facilmente às mudanças? Como é que você administra essa coisa assim?

Maria Adelaide: Não me adapto muito fácil, não. Levo algum tempo e às vezes muito tempo. Eu trabalho em casa, e sozinha, desde que virei *free lancer* na Abril. Mas sou uma pessoa gregária por temperamento. Gosto de gente, gente me enriquece. Eu diria que as primeiras peças que escrevi foram influenciadas pelas pessoas que trabalhavam comigo. Elas me alimentavam, me nutriam. As experiências delas me nutriam. Eu era um pouco vampiro, no sentido de ficar sorvendo as experiências e as frases que diziam. Muitas frases de amigos e colegas foram incorporadas aos meus textos. O ambiente de trabalho era muito rico, e se empobreceu quando passei a trabalhar sozinha. Quando entrei na Editora Abril em 1970, tinha encontrado a minha tribo. Quando saí da Abril, perdi a tribo, a família afetiva e o contato com meus semelhantes. Demorei muito para me acostumar com isso. O contato com jovens veio através de meus filhos, através de amigos dos meus filhos, dos filhos de amigos...

Santana: E hoje você trabalha com um jovem para a televisão, não é, o seu...

Maria Adelaide: Atualmente estou trabalhando sozinha.

Santana: É? Mas você trabalhou com aquele rapaz...

Maria Adelaide: Trabalhei não só com esse rapaz, mas com outros jovens. Mas não é como uma redação, nós não trabalhamos no mesmo espaço. É cada um em sua casa. E o que mais enriquece a gente é a convivência diária com um grupo de pessoas às quais a gente se liga afetivamente, como era na Abril. Sem determinados amigos daquela época eu achava que não viveria. Cheguei a dizer isso algumas vezes a pessoas do grupo que trabalhava comigo. A redação era a minha vida. Já escrever para a televisão, é um trabalho extremamente solitário. Você pode ter uma equipe de oito pessoas – tem gente que tem – mas continua trabalhando sozinha. Na época em que trabalhava com o Silvio de Abreu, ele fazia de quinze em quinze dias reuniões comigo e com o Alcides Nogueira. Quando o grupo é maior, o contato é distante. A gente mais se corresponde através de *e-mail*, do que propriamente convive.

Voltando ao jovem Vincent Villari, que você estava citando, ele era um garoto de dezessete anos quando o conheci. Eu estava começando a escrever Anjo Mau, em 97,

o Silvio fazia a minha supervisão, mas precisava de alguém para escrever comigo e escolhi Bosco Brasil, um autor experiente. Aí o Ari Nogueira me falou do Vincent: “Tem um menino aí em São Paulo, muito talentoso. Ele fez a escola de roteiristas, etc. e tal...” E quando ele foi a minha casa, parecia que ele tinha catorze... Ele começou atendendo telefone antes de se tornar colaborador e nessa condição trabalhou em várias novelas e minisséries minhas. Mais tarde se tornou coautor e seguiu seu caminho.

Tenho outros amigos jovens também, se bem que hoje em dia qualquer pessoa é mais jovem do que eu. *(Risos)*. A Lidia Aratanga tem uma frase ótima: quando a idade corresponde ao número do sapato, todo mundo é igual. A partir dos trinta e cinco, todo mundo é igual. Todos fazem parte da mesma turma. Quem foi jovem nos anos sessenta alguma rebeldia traz dentro de si mesmo. Você carrega essa rebeldia para o bem e para o mal. Tem gente que ainda não chegou do festival Woodstock, né? *(Risos)*.

Santana: Vêm a pé... estão vindo a pé...

Maria Adelaide: É, estão chegando aos poucos. Mas a maior parte das pessoas – não é o caso de ninguém que está aqui, espero – *(risos)* – então é isso. Eu respondi? Porque eu divago muito, né?

Santana: Respondeu! Então, eu queria ouvir a sua opinião sobre um fenômeno que eu acho interessante, que a gente está vivendo, não há dúvida que nós todos aqui fazemos parte de – somos contemporâneos de um novo velho; até alguns anos atrás, e não anos demais, a coisa era muito diferente. E não estamos falando do início do século passado, estamos falando do início deste século. Então isso nos dá essa jovialidade que a Adelaide está falando, que eu concordo, tem umas pessoas que têm essa... tudo contribuiu pra isso, né, que essa coisa também não se dá sozinha, tem um movimento inteiro, social, econômico, enfim, que contribui, a longevidade física...

Maria Adelaide: É, também é uma sorte isso, a saúde é uma sorte...

Santana: É uma sorte. E por outro lado, Adelaide, também a gente vive uma época em que precisa se cuidar, porque há um grupo também... ninguém pode envelhecer, todo mundo tem que se manter jovem eternamente.

Maria Adelaide: Ah, mas eu acho isso muito cansativo...

Santana: Isso é um horror, não é? Duas coisas: a gente não pode envelhecer e não pode entristecer. Então existe, você tem que estar assim, a histeria nunca esteve tão em alta. Essa coisa da representação da felicidade. Então a gente tem que ser o tempo inteiro jovem e o tempo inteiro animado, alegre.

Maria Adelaide: A gente não tem que nada, não é?

Santana: Lógico que não tem, mas neste tempo que a gente está vivendo tem essa expectativa também. Que vai de encontro a essa outra coisa que eu estou dizendo, do prazer que a gente tem de, aos sessenta anos de idade, estar usufruindo de pagar meio ingresso, em fazer um monte de coisas que eu tenho vontade de fazer, e ao mesmo tempo me sentir bem, cheio de projetos, cheio de saúde, cheio de *start up*, cheio de animação. Como você lê essas duas coisas, a obrigação da juventude e essa aquiescência da velhice?

Maria Adelaide: Isso é uma coisa muito americana, essa coisa de que não pode envelhecer...

Santana: E a gente absorve bem essas coisas americanas...

Maria Adelaide: É, a gente absorve. É impressionante o quanto nós fomos influenciados, e talvez ainda sejamos, pela mentalidade, pelo *way of life* americano. É só você olhar para as pessoas que estão usando *jeans* e você vê. O nosso dia a dia é eivado de influências americanas e a gente não se dá conta. Nos anos noventa, vi uma exposição no Whitney Museum que era “Século XX, um século americano”. E comentei: “Que pretensão desses americanos de achar que o século XX foi um século americano...”. Mas foi! O cinema, uma série de mídias, de comportamentos, a cultura dos *teen agers*, por exemplo. A adolescência só passou a existir no século XX. Antes disso mal havia a infância. As crianças pobres começavam a trabalhar muito cedo e, nas classes favorecidas, elas eram colocadas em internatos de onde saíam para casar. Isso ainda era praticado nos anos 50. Os anos 60 mudaram tudo.

A maior transformação no comportamento feminino se deu a partir dessa época. Como a mulher era tolhida antes! Como era reprimida! Não tinha lugar para ela no mercado de trabalho. Só podia ser professora ou funcionária pública. Uma mulher que fazia faculdade era uma extravagância. Era assediada, hostilizada, ou tratada com condescendência. A Lygia Fagundes Telles foi aluna de Direito nos anos quarenta. Hilda Hilst, contemporânea da Lygia, era mal falada por ser uma mulher muito livre e muito adiante do seu tempo.

Não se podia sair com o namorado sem acompanhante, porque a vizinhança iria falar. Eu vivi isso. As minhas cunhadas, casadas com meus irmãos mais velhos, diziam para minha mãe: “A sua filha vai ser puta”. Vai ser puta porque eu fumava e saía sozinha com o namorado. Se ele tinha carro, por que iria tomar ônibus? (*risos*) - Então andava de carro com o namorado, era notívaga, gostava de música, gostava de dançar, adorava a noite. Agora depois de velha é que resolvi dormir cedo. Eu estudava e trabalhava duro – era dona do meu nariz, mas as vizinhas me chamavam de puta, porque me insurgia contra aquelas regras. Ai da mulher que fosse para a cama com o namorado e perdesse a virgindade. “Ele não vai mais casar com você. Você vai ficar perdida”. Eu era uma excrescência naquele meio. Aos catorze anos,

dizia: “Não vou casar. Vou ter amantes, porque eu sou a favor do amor livre”. Eu falava coisas desse tipo e meu pai batia na minha cara. Era contra o casamento. Mas quem fosse filha daquele casal só podia ser contra o casamento. Minha mãe totalmente submissa, a vítima, e o meu pai brutal – inteligente à beça - mas sarcástico, violento, bebia mal, batia na minha mãe... Ela chorava, mas não fazia nada... Eu tinha uns quinze anos quando pedi a ela: “Por que você não se separa dele? Se separe, pelo amor de Deus!” “Minha filha, é contra a minha religião, etc...”

Ninguém que teve pais como os meus podia ser a favor do casamento. Mas casei e fiz de tudo para que meu casamento fosse o oposto do deles. E fiz com que meus filhos fossem criados de maneira diferente do que fui. Dei mais atenção a eles. Eu não tinha a recebido a menor atenção... Fui criada e formada pelos livros, porque com a graça de Deus sempre gostei de ler. Os livros primeiro representaram uma fuga e depois foram os meus professores. Foram eles que me educaram e formaram. Quando descobri Simone de Beauvoir então!!... (*risos*). Sou da geração que leu *O Segundo Sexo*. Sou da geração que leu *Memórias de uma Moça Bem Comportada*. Mas não li apenas. Queria que fosse o modelo da minha vida. Não consegui tudo, mas foi legal...

Santana: Você fez a sua parte...

Maria Adelaide: Ah, tem sido legal... Com todos os altos e baixos, tem sido legal... não posso reclamar.

Santana: Adelaide, e hoje? Você sempre ressalta a importância do trabalho na sua vida, a sua dedicação ao trabalho, e tal. Hoje, que seguramente você trabalha não só por segurança, mas por outros motivos, qual é a sua motivação?

Maria Adelaide: Eu não consigo viver sem escrever. É só isso. Não consigo viver sem escrever. Não consigo.

Santana: Criar, talvez?

Maria Adelaide: É isso aí. Criar. Sem isso minha vida perde o sentido. Seria um horror se parasse de escrever. Seria a morte para mim. A minha vida tem sentido porque escrevo. A minha vida tem sentido porque eu crio.

Santana: Eu li há pouco tempo uma frase do Arthur Miller que eu achei sensacional: “O escritor escreve com os ouvidos”. Você é conhecida pelo seu texto fluido, ágil, pelos diálogos; reclama-se que no Brasil não tem ou não tinha muitas pessoas com habilidade para escrever diálogos, e você tem textos pontuantes dessa novidade da escrita econômica, como se diz hoje, que eu chamo por soluções: “Entrou, ponto. Olhou para o lado direito, ponto. Virou para cá, ponto...” (*risos*). Então as pessoas não leem, então você tem que fazer coisinhas assim. Muito antes disso você já conseguia – e eu conheci você inicialmente pelo teatro – *De Braços Abertos* foi a primeira coisa

que eu vi, foi muito marcante para mim – mas já ali, estamos falando então de anos oitenta, você tinha frases absolutamente sintetizadoras, de uma enciclopédia, de cinquenta páginas em uma frase. E com essa história de que a gente, de que o escritor escreve pelos ouvidos, evidente que isso é um talento seu, uma coisa inata, o fato de você ter começado como jornalista deve ter incrementado, mas como você pensa nisso, Adelaide? Isso a gente desenvolve, como é?

Maria Adelaide: Isso é da convivência na redação; claro que o que escuto, o modo como eu ouço, e como reproduzo, faz parte do ofício de um autor – não estou falando de romancista – mas de um autor de teatro, alguém que faz dramaturgia, escreve com os ouvidos. A voz de um operário é diferente da voz de uma dona de casa, que por sua vez é diferente de a voz de uma estudante, que por sua vez é diferente da voz de um homem de negócios, que por sua vez é diferente de uma pessoa perturbada mentalmente. Cada um tem a sua voz, e se você não sabe disso é melhor mudar de ramo. Porque a matéria prima da dramaturgia é o diálogo. E o diálogo precisa fazer sentido, ser verossímil. O Vincent tinha grande facilidade para diálogo, e entre meus colaboradores, alguns são muito bem dotados para isso. Se tem uma coisa que me encanta é o talento. Outra coisa que me encanta é a sabedoria. E você não precisa fazer faculdade, nem precisa ter lido a Enciclopédia Britânica para ser sábio. Isso é a vida que dá e o que você aprende com ela. Uma das pessoas mais sábias que conheci foi uma empregada que eu tive que entrou em casa quando eu estava grávida de seis meses do meu segundo filho e que saiu da minha casa quando ele tinha dezoito anos. Analfabeta convicta. Nunca consegui fazer a tia Emília aprender a ler, mas ela não se perdia na cidade. Tomava os ônibus que precisava e ninguém a enganava no troco. Tinha uma dignidade e uma sabedoria como poucas vezes eu vi. E era uma pessoa simples, de Cândido Salles, perto de Vitória da Conquista.

A sabedoria me encanta. A velhice sábia me encanta. Havia uma senhora em Nova York de quem gostava muito. Helena. Eu estava beirando os sessenta e ela já tinha feito oitenta. Era uma brasileira, viúva de um grande conhecedor de arte africana, Ladislav Sejny, tinha morado em Paris nos anos 20. Seu sonho inicial era ser artista, ele acabou conhecendo e ficando amigo dos artistas que moravam lá. Na casa de Helena havia uma parede repleta de desenhos à lápis: eram retratos do seu marido feitos por Bracque, Picasso, Modigliani... *(risos)*... Só isso.

Quando conheci Helena, ela sabia muito pouco de mim. “Me conte de você, você escreve, não é? Você é casada, solteira ou o quê?” “Eu sou casada, há trinta anos, mas estou querendo me separar e todo mundo diz que é loucura”. Ela disse prontamente: “Loucura é você continuar casada. Relação é assim. Acaba. Sai, vai embora”. Até então, eu só tinha escutado conselhos prudentes. A partir daquele momento ela passou a ser fundamental. Infelizmente ela faleceu. E foi a primeira pessoa que me deixou um bem em testamento, nunca ganhei nada de ninguém, *(risos)*, e ela me deixou um anel. Fiquei tão emocionada! Acho que algum vidente me falou: “Você vai receber uma herança”, *(risos)*. “Não há a menor possibilidade”. Pois

é, recebi um anel, um anel de ouro, bonito à beça; que eu só uso em ocasiões especiais.

Que mais?

Santana: Agora eu quero fazer uma outra coisa. Você é essa pessoa tão ativa e tão ... me parece enfatiza muito no trabalho, mas a ideia que eu tenho sua é de que você ao lado disso concilia também com uma vida social, você falou que hoje é bem menor do que já foi, com os amigos, você é uma pessoa que valoriza as amizades, você está sempre falando dos seus afetos, e tal. E me diga uma coisa: como é que você lida com a solidão? Eu não estou falando necessariamente da solidão pesada, difícil, nada, estou falando como é que você convive com você...

Maria Adelaide: A solidão escolhida, não é?

Santana: A sua solidão, que todos nós temos?

Maria Adelaide: Eu gosto de gente, adoro sair, mas às vezes fico melancólica. Sou portuguesa, não esqueçam, tem uma coisa de fado aí... *(risos)*. Acho que já está no sangue, no DNA, sei lá. É bom ver as pessoas, mas estou casa vez mais exigente. Penso: o que é que aproveitei desta noite? Não ouvi nada que se aproveitasse. Porque tem muita gente que reclama, reclama. E quando você dá alguma sugestão, percebe que a pessoa não está querendo mudar nada. Só quer alugar seu ouvido e continuar na merda da vida dela. Então esse tipo de gente eu cortei ou diminuí o convívio. *(risos)*. Estou muito mais seletiva. Prefiro uma boa série na televisão e ficar comigo... é legal ficar comigo... falo muito sozinha, cada vez mais *(risos)*...

Santana: É? Responde, tudo? Conversa? Você é boa de diálogo e também de solilóquios? *(risos)*

Maria Adelaide: Não, eu me xingo muito, cretina, burra, imbecil. E falo também com santo, com Deus, falo um monte de coisa. Mas está tudo bem, está tudo bem...

Santana: Então, e a espiritualidade. Eu sei que você é uma pessoa que tem seus rituais, que isso faz parte da sua vida. Como é, com o que é que você lida quando você está se...

Maria Adelaide: Isso aí, a graça, já dizia São Paulo... a fé é uma graça. Ou você tem ou você não tem.

Santana: Sim, senhora Infelizmente.

Maria Adelaide: Eu nasci numa família católica e durante anos abominei a prática religiosa. O catecismo, aquelas coisas que enchem o saco de qualquer criança, mas

ao mesmo tempo quando assistia um filme tipo *Nossa Senhora de Fátima* chorava muito. Não só chorava, como pegava três crianças e ia pra baixo de uma árvore esperando que a Nossa Senhora aparecesse (*risos*)... Imagina se ela ia aparecer a uma menina que falava tanto palavrão como eu. Aos 16 anos deixei de acreditar em Deus, mas continuava rezando para o Anjo da Guarda. Fiquei mais de vinte anos longe da Igreja. Mas, em 1981, aconteceu uma coisa muito grave, foi durante a Semana Santa, e disse para mim: “Isso que está acontecendo – era uma coisa terrível – isso deve ter um sentido. Isso tem que ter um sentido.” Então fui a uma igreja e diante de Cristo na cruz, eu disse: “Eu estou voltando. Você faça a sua parte, porque vou fazer a minha. (*risos*). “Estou voltando” e voltei. Nunca mais deixei de ir à missa. Isso me preparou para o que viria depois. Em 1983 o meu irmão mais velho foi sequestrado e ficou trinta e oito dias em cárcere privado. A família inteira aos pedaços e as únicas pessoas que continuaram acreditando que ele se salvaria foram a minha mãe e eu. Não porque fôssemos mais fortes. Mas porque a fé mantinha viva a esperança de que, sim, ele voltaria para nós. Trinta e oito dias pode ser uma eternidade. Nunca pensei que fosse tão ligada a esse irmão, muito mais velho e distante, e sofri muito porque ele era parte de mim.

Ao longo desse tempo aconteceram algumas coisas que são coisas que não pertencem ao plano racional. Num determinado momento a família do Silnei Siqueira, falecido diretor de teatro, era espírita e pedi que fossem visitar minha mãe para confortá-la. Uma das pessoas viu minha coleção de chaves. “Tem seis chaves aqui. Arrume uma sétima. Quem sabe daqui a sete dias o seu irmão está libertado”. Era uma sexta-feira, no dia seguinte fui a todos os chaveiros do bairro procurando a sétima chave. Quando estava desistindo, acabei encontrando. Sete dias depois meu irmão estava libertado. Para mim não era coincidência. Mas não discuto com quem não tem fé. Não faço proselitismo nem tento convencer, porque não se convence ninguém. Algumas amigas judias ou agnósticas de vez em quando me pedem que eu reze ou acenda uma vela em determinada intenção. Não porque acreditam em Deus, mas porque acreditam na minha fé. Se estiver num lugar que não tem igreja católica, entro na primeira igreja que tiver. A minha religião é minha. Mas eu respeito todas as religiões, todas as outras. Acabou? (*Risos*).

Maria Celia: Estamos fascinados, poderíamos ficar te ouvindo até meia-noite!

Maria Adelaide: Eu queria contar uma coisa para vocês porque está cheio de psicólogo aqui, médicos, psiquiatras...

No dia 30 de abril de 2015 eu estava no centro do Roda Viva. Às três horas do mesmo dia fui entrevistada pelo Pedro Hertz, num programa que ele tinha no Arte Um. Era uma entrevista que prometia ser curta, mas acabou sendo longa, e passei em casa para mudar de roupa, o carro da TV Cultura já estava à minha espera. Eu estava muito agitada, sou uma pessoa agitada, falo muito, gesticulo muito. Os entrevistadores eram amigos ou pessoas que participavam minha vida: Paula Dip, que trabalhou comigo na Abril, a Irene Ravache, que é grande amiga e convive

comigo, Eduardo Figueiredo, diretor de *Friday Diego* que estava em cartaz, etc. O programa Roda Viva tem uma hora e meia e na terceira parte do programa eu tive um apagão. Não sabia onde estava, não sabia se era sonho, se era passado, se era presente ou se era alguma coisa que ia acontecer no futuro. Eu estava lá, no centro do Roda Viva, sendo entrevistada por Augusto Nunes, tive um apagão mas continuei a responder no piloto automático. Evidentemente sem o entusiasmo que me caracteriza, sem a paixão, o exagero, que me caracterizam. Mas fui até o fim. Quando terminou, a Irene Ravache, que me conhece profundamente, disse: “O quê que está havendo?” Eu falei: “Irene, não sei se isto aqui é futuro, passado, presente, sonho, mas não sei onde eu estou...” Se tem uma coisa que tenho pavor é de doença degenerativa ou qualquer tipo de senilidade. Eu estava em pânico, mas raciocinava de forma lógica e pedi à Irene e ao marido que me tirassem dali, antes que alguém percebesse meu estado alterado. Eu sabia que não podia ir para casa, porque lá não tinha ninguém. “Eu não sei que merda é essa, mas não posso ficar sozinha”. Então eu fui com eles para um jantar em homenagem à Heloisa Perissé, no Morumbi, e continuei sorrindo, fazendo cara de paisagem e morrendo de medo que alguém descobrisse o apagão. O Eduardo Figueiredo, que tinha me entrevistado no Roda Viva estava lá e comentou: “Sabe aquela hora que eu perguntei para você isso, isso, isso, e você respondeu isso, isso e aquilo?” Eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando e fui pra Irene... “É mais grave do que pensava: não lembro nem da pergunta dele nem da minha resposta. Que merda é essa que eu estou vivendo?” Era noite do dia 30 de abril, véspera de primeiro de maio, e aos poucos fui voltando a mim. Mas ainda não sabia se aquilo era o prenúncio de alguma doença degenerativa.

Dormi pessimamente, e no dia seguinte fui caminhar, cantarolando canções em vários idiomas. Não é que eu fale bem todos eles, mas fui cantando e rezando as orações que sabia de cor. Quando a Irene me ligou para saber como eu estava, respondi: “A memória parece que está preservada.” E estava. Era aniversário da falecida Nydia Lícia, que tem uma família interessante, amigos muito cultos que começaram a falar de História, e lá pelas tantas me vi falando da guerra dos sete anos, da guerra dos cem anos. Sim minha memória estava intacta.

Na segunda-feira seguinte procurei o doutor Daniele Riva, para saber o que me tinha acontecido. Ele fez um eletro, na hora, e me mandou fazer uma ressonância e disse que o mais provável é que eu tivesse tido uma amnésia global transitória. Um amigo dele, grande advogado teve isso dirigindo, descendo a Consolação. “Ele entrou na garagem, estacionou na vaga dele, subiu, entrou no escritório dele, sentou, a secretária veio, ele pediu o processo tal e tal, a moça veio e lhe entregou o processo. Daí a cinco minutos ele lhe pede o mesmo processo. E foi aí que ela percebeu que alguma coisa estava errada”.

Felizmente eu não tive nada. Isso aconteceu há quatro anos. E o tempo todo do apagão eu pensava: “Ninguém pode perceber que isso está acontecendo. Não quero virar manchete de jornal nem da revista Quem, ou Contigo”. Queria dividir isso com vocês, porque vocês que são entendidos. (*agradecimentos da plateia*). É isso! Chega!

(Feito o sorteio de dois Calendários dos Afetos, do Ideac).

Plateia: Deixa eu fazer uma interferência. Assim como Adelaide, eu também sou meio esquisito, nunca me enquadro bem nas formulazinhas. Mas eu só queria endossar uma coisa que a Adelaide fala dela. Eu sou testemunha da paixão contida da Adelaide. Uma coisa que quando a conheci e me fascinou, é que ela falava “porra” como a gente fala “banana”. Mas ela falava com uma elegância, que você achava que aquilo que era bonito falar. Isso é uma coisa que até hoje eu admiro na Adelaide, é que em qualquer lugar, e ela está sempre nos melhores lugares de São Paulo, e sempre com uma postura de que tudo aquilo ela já viu, mas é de uma elegância para ela dizer isso que é apaixonante. Você é uma mulher apaixonante.

Maria Adelaide: São seus olhos, Magno. *(aplausos)*.

Plateia: Admiradora profunda da sua capacidade, inteligência, da sua formação clássica, da teledramaturgia, você explicou porque é que foi para a tv, e eu já convertida à tv, e às séries... E aí, eu sou certamente sua fã número um para Os Maias. *(aplausos)*. Então, queria perguntar para você: para converter uma obra clássica para a televisão; eu sei que como você tem a pressão de fazer cinquenta, sessenta capítulos, tem que dar uma espichada. Vamos supor que você não tivesse...

Maria Adelaide: Tem que dar uma espichada, sim. E ser fiel à ideia central do autor. Eu cometi algumas licenças em relação aos Os Maias, mas baseadas em outras narrativas, algumas delas inéditas de Eça de Queiroz.

Eu tive a honra de conhecer, em 2001, o diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, Carlos Reis, que é um grande especialista em Eça e me deu manuscritos originais do Eça. A entrada da Maria Monfort numa praça de touros – aquela abertura numa praça de touros é de um conto que ele não terminou; é uma narrativa que devia ter umas três ou quatro páginas. Eu falei: “Vou usar isso, em homenagem a ele” e várias coisas desse tipo eu usei.

Quando é uma série literária, ou uma série histórica, leio tudo o que há a respeito e ouço os especialistas. Então, não só os “queirozianos” portugueses que consultei, como aqui no Brasil ouvi o pessoal da USP e da PUC também. A cabeça deles funcionava de maneira muito diferente, ou seja, o pessoal da PUC era muito mais tolerante a intromissões na obra original, e achava que sim, que o Eça era um grande folhetinista, e certamente entenderia isso. Mas, os mais ortodoxos queriam me matar. A professora Beatriz Berrini, que já faleceu, ficou revoltada quando fiz a volta da Maria Monfort; porque ela entra no início, foge de Lisboa e depois a notícia de sua morte chega a Portugal. Eu ressuscitei Maria Monfort quase no final da minissérie. E lamentei ter sido tão fiel ao livro, e ter cometido tão poucas licenças.

Os autores de televisão mais veteranos não têm esse tipo de prurido. Eles inventam e acrescentam, sem nenhum pudor. *A Casa das Sete Mulheres*, por exemplo, é um romance que se passa durante a Revolução Farroupilha, e que envolve sete mulheres que ficam todo tempo da guerra na estância. Garibaldi entra, fica um tempo e vai embora, e elas continuam ali. Naquela época eu escrevia com o Walter Negrão. Quando chegou mais ou menos o capítulo oito, nove, o Negrão, puta velha, muito mais do que eu, me disse: “Adelaide, essa Manuela tá muito chata, *(risos)*, ela só fica falando “Ai, que saudade do Garibaldi, ai que saudade do Garibaldi,... e não faz nada!” De fato, ela não fez nada, coitadinha. A Manoela real morreu aos noventa anos, em Pelotas, virgem, e era chamada até o fim de “A noiva do Garibaldi”. Coitada! O Negrão disse que isso alimentava dois capítulos. “Nós temos cinquenta e três capítulos para escrever. Como é que nós vamos fazer isso só na estância, daqui a dez capítulos ninguém aguenta mais essas mulheres... Mulheres chatas... *(risos)*. Precisamos tirar a Manuela da estância”. Eu ainda argumentei: “Mas, em plena guerra, só china, só puta, vivandeira que ia atrás do exército, nenhuma moça de família ousaria jamais, ia ser estuprada na primeira esquina”. Bom, tiramos a Manuela da estância, mandamos a moça pra guerra e aí foi maravilhoso, porque saímos da estância e pudemos falar da guerra e dos homens que estavam na guerra, de Manuela na guerra e o reencontro dela com Garibaldi já com Anita. E culminou com a Manuela fazendo pato da rival *(risos)*. A partir daí tudo é possível, está certo? *(risos)*. Aprendi muito com o Walter Negrão.

Plateia: O que mudou na tua vida pessoal, dos setenta para os setenta e sete?

Maria Adelaide: *(pausa)*; *(risos)*. Bom, é claro que fisicamente... Só se você não tem espelho na sua casa, não é? Eu tenho. Você se olha e diz: já tive melhores dias. *(risos)*. Mas, por outro lado, você toca a vida, você tem coisas para fazer, tem seu trabalho, seus netos, pessoas que precisam de você... É muito legal ter uma fraternidade de pessoas de quem você gosta, pessoas com quem você se preocupa, pessoas que pode ajudar de uma maneira ou de outra, estar presente na vida delas...

Agora é o seguinte: a colonoscopia que fazia de cinco em cinco anos, agora vou ter que fazer de dois em dois *(risos)*; é chato pra cacete isso, mas faz parte. Outra coisa: sempre gostei de beber e agora bebo cada vez menos; meia taça de vinho é suficiente, não tenho necessidade de mais.

Não sei como cada um de vocês lida com isso, mas até os sessenta e não sei quantos anos, sessenta e quatro, sessenta e cinco, eu tinha veleidades românticas, assim, de achar uma pessoa, aquelas coisas que toda mulher pensa – de viver um romance. Acabou total! Morreu de morte natural esse desejo! *(risos)*. Mas nem pensar! Me dá uma canseira! Transcendi! Acabou. Eu vivi o suficiente. Eu tive o suficiente. Acabou. A outra novidade é o encanto que eu estou descobrindo na minha própria companhia.

Plateia: Não sei se você pensa como eu, mas você falou que nos anos cinquenta e sessenta houve a revolução, mudança de pensamento, e eu acho que foi a mulher... que mudou, que extravasou, que se rebelou, se empoderou...

Maria Adelaide: Foi. Sem dúvida. Foi a mulher, claro que foi.

Plateia: Em cima disso, eu me lembro de fatos, papai era ginecologista e obstetra, ele dizia assim: “Foi a pílula. Porque enquanto a mulher sabia que pulava a cerca e voltava acompanhada, ela não se deu a liberdade. Na hora que ela pode pular e voltar do mesmo jeito, ela pulou”. Concorda que foi a mulher?

Maria Adelaide: Muitas mulheres eram muito obedientes aos pais, muito certinhas, que até casaram virgens e depois desbundaram, como se dizia nos anos setenta. Gente que casou, teve filho direitinho, e lá pelas tantas começou a dar mais que chuchu na serra (*risos*). E muita gente quebrou a cara. Eu conheço algumas que se arreentaram. A cabeça delas estava condicionada para um negócio, foi cair em outro, deu a maior merda. Então, vá procurar ajuda profissional. Eu sempre procurei ajuda. O primeiro foi o Flavio Gikovate. Em 1974. Ou 76. É bom falar: sou incapaz de sair dessa sozinha. Porque tem certos momentos que a gente é mesmo, totalmente incapaz.

Santana: Sem dúvida. A gente é humano, não é? Bem, pessoal, parece que nosso tempo terminou, temos que entregar a sala...

Plateia: Estou muito feliz de estar aqui porque sempre me achei transgressora. Aos catorze anos li Lady Chatterley, escondido da minha mãe. Fiquei muito feliz, porque eu também sou transgressora. Ah, que maravilha.

Santana: Pronto! Está na tribo certa. (*aplausos*). Muito obrigado, pessoal!
